

LÚCIA MIGUEL PEREIRA E A ABORDAGEM MORAL EM *A FILHA DO RIO VERDE*¹

LÚCIA MIGUEL PEREIRA AND THE MORAL APPROACH IN THE *A FILHA DO RIO VERDE*

Edwrigens A. Ribeiro Lopes de Almeida*

Jussara Queiroz Rocha**

RESUMO: Este estudo tem o objetivo de examinar como a autora Lúcia Miguel Pereira aborda a questão moral em seu livro *A filha do Rio Verde*, publicado em 1943. Além desse *corpus*, a pesquisa também tem como parâmetro de discussão os textos críticos escritos por Lúcia Miguel Pereira e publicados em jornais e revistas sobre as funções e os propósitos da literatura escrita para crianças. Para isso, faz-se necessário, ancorarmos também nos textos teóricos e críticos produzidos por outros pesquisadores sobre o papel da literatura infantil na formação do público leitor brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil. Moral. Crítica. Mulher.

ABSTRACT: This study aims to examine how the author Lúcia Miguel Pereira discusses the moral issue in his book *A filha do Rio Verde*, published in 1943. In addition to this corpus, the research also has as parameter of discussion the critical texts written by Lúcia Miguel Pereira and published in newspapers and magazines about the functions and purposes of literature written for children. For this, it is necessary, we anchor too theoretical and critical texts produced by other researchers about the role of children's literature in the formation of Brazilian readership. For this, it is necessary, we anchor too theoretical and critical texts produced by other researchers about the role of children's literature in the formation of brazilian readership.

KEYWORDS: Children's literature. Moral. Critical. Woman.

¹ Esta pesquisa apresenta resultados parciais do projeto “Infância em diálogos: A literatura infantojuvenil brasileira pelas letras de escritoras mineiras”, financiado pela FAPEMIG.

* Pós doutora em Literatura Brasileira (UFMG). Doutora em Literatura (UNB). Doutora em Literatura Espanhola e hispano-americana (USP). Mestre em Literatura Brasileira (UFMG). Docente do Departamento de Comunicação e Letras e do Mestrado em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Pesquisadora das relações de gênero, identidade, alteridade na ficção da literatura brasileira, espanhola e hispanoamericana. Atualmente, pesquisa a crítica produzida por Lúcia Miguel Pereira nas décadas de 1930 a 1950 e a literatura infanto-juvenil realizada por escritoras mineiras. E-mail: edwrigensletras@gmail.com

** Graduada em Letras/Espanhol pela Unimontes. Integrou o Projeto “Infância em diálogos: A literatura infantojuvenil brasileira pelas letras de escritoras mineiras” com bolsa da Fapemig. E-mail: jussaraqueirozespan@hotmail.com

1 Introdução

A literatura infanto-juvenil brasileira possui uma incipiente produção tanto ficcional quanto crítica no que se refere às primeiras décadas do século XX. Nesse mesmo contexto, temos a romancista e crítica mineira Lucia Miguel Pereira portadora de uma produção ficcional que se destina a adultos e outra produção para crianças. Além de produzir quatro romances destinados ao público adulto, *Maria Luisa* (1933), *Em Surdina* (1933), *Amanhecer* (1938) e *Cabra Cega* (1954), a autora também escreveu alguns títulos infantis, *A Fada-Menina*, *Na Floresta Mágica*, *Maria e seus bonecos* e *A filha do Rio Verde*, porém, suas produções como crítica e como historiadora da literatura ofuscaram esta sua produção como ficcionista.

Com vistas nesse legado destinado aos pequenos leitores, propomos um olhar sobre a abordagem moral feita por Lúcia Miguel Pereira em seu livro *A filha do Rio Verde*, publicado em 1943. Para este estudo, será relevante também ter como parâmetro alguns textos críticos da mesma autora publicados em jornais e revistas sobre a condição e as perspectivas da literatura infantil na educação das crianças, já que esse tipo de texto não teve muita produção e repercussão na nossa história literária do começo do século XX.

Segundo Philippe Airès em seu livro *História Social da Criança e da Família* (1981), nos séculos X-XI, não havia o interesse na imagem da infância, pois essa fase constituía um momento de transição que logo seria ultrapassado, assim logo também seria esquecido pelo adulto. No início do século XVII, várias mudanças nos âmbitos político, econômico, moral, cultural e social, como a ascensão da classe burguesa, que reivindicava maior participação social e preocupação com a educação das crianças; surgindo assim a valorização da criança no meio em que vivia, “a sociedade passou a ter consciência da particularidade infantil, particularidade essa que distingue essencialmente a criança do adulto” (AIRÈS, 1981, p. 156).

Das mudanças ocorridas, podemos destacar a criação de um gênero literário específico para as crianças, a literatura infantil. Segundo Cunha (2004), os primeiros livros surgiram na Europa, escritos por autores de clássicos como Perrault, Irmaões Grim, Andersen, Lewis Carrol, dentre outros.

Para Lia Cupertino A. Duarte (2004), embora em 1808 livros para crianças comecem a ser publicados no Brasil, a literatura infantil brasileira nasce apenas no final do século XIX, com uma circulação ainda precária e irregular. Em 1921, Monteiro Lobato inaugura uma nova estética da literatura infantil, modificando a percepção de mundo e emancipando seus leitores através de suas produções. Acrescenta a autora: “estimulando esse leitor a ver a realidade por conceitos próprios, o autor incita-lhe o senso crítico, apresentando problemas sociais, políticos, econômicos e culturais que, por meio de especulações e discussões das personagens, são vistos criticamente” (DUARTE, 2004, s.d).

Rompendo com os modelos tradicionais, foge de padrões prefixados do gênero criando um mundo que não é apenas o reflexo do real, “mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e preconceitos da situação histórica em que a literatura era produzida” (SIQUEIRA, 2008 p. 66). Lobato tornou o livro um meio de modificar a visão da criança sobre o mundo, possibilitando que essa a criasse e recriasse a seu modo. Estimulando a formação da consciência crítica, Lobato tornou-se referência máxima da literatura infantil brasileira.

2 Desenvolvimento

Contemporânea de Monteiro Lobato, Lúcia Miguel Pereira foi crítica literária, biógrafa, ensaísta e tradutora. Mineira nascida em Barbacena, em 1901, foi criada no Rio de Janeiro. Fundou com amigas da escola a Revista *Elo* onde publicou seus primeiros escritos, sobretudo artigos que procuravam transmitir impressões sobre a literatura como o ensaio intitulado “Um Bandeirant”, sobre Euclides da Cunha, bem como sobre vários outros escritores nacionais e estrangeiros. Sua produção intelectual foi de grande importância para a consolidação da geração de prosadores modernos da década de 30.

Colaborou com diversos periódicos como *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *Boletim de Ariel* dentre outros, onde publicou artigos como *Literatura Infantil*, em 1945, já demonstrando certa preocupação com a literatura que se direcionava a crianças. Estreou, aos 32 anos, como romancista publicando *Maria Luísa*; no entanto sua produção não tem acolhida tão favorável quanto sua obra ensaística e enciclopédica. Escreveu duas biografias críticas: *Machado de Assis*, em

1935 e *A vida de Gonçalves Dias*, em 1943. Em 1948, com a Fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ, assumiu a coordenação dos serviços de biblioteca daquele Museu. Lucia Miguel morreu em um desastre aéreo no Rio de Janeiro em 1959, acompanhada do marido, advogado e historiador Octávio Tarquínio de Sousa (1889-1959).

Atentando para a percepção da autora sobre a literatura para crianças, e escrevendo para o *Boletim de Ariel* do Rio de Janeiro em julho de 1932, Lucia Miguel Pereira argumenta que, com o tempo, poluímos a frescura da imaginação, a espontaneidade e a inocência necessárias para a escrita, sobretudo perdemos o sentido do ilimitado, do extraordinário e da surpresa que tornam o universo infantil tão rico. Ao apontar a relevância do posicionamento da autora na concepção desses textos, ressalta a importância do texto literário como prática ética e social, o qual influencia e é influenciado. Acrescenta que a maior finalidade do livro infantil é “mais do que inculcar princípios sãos, mais do que ministrar noções, eles têm a missão de desenvolver as faculdades estéticas e intelectuais” (PEREIRA, 1945, p.54) e “a preocupação de ser sadio, de mostrar da existência os aspectos mais nobres não deve faltar ao gênero dedicado a quem tem diante de si a vida toda, e precisa sentir-se confiante” (PEREIRA, 1945, p.53).

Pode-se notar que, para a crítica em questão, a literatura infantil não deve ser moralista e, sim, sadia auxiliando a preparar as novas gerações, pois a criança está sempre aprendendo e assimilando. O que se observa na obra em análise é exatamente esse ponto de vista. Lúcia traz uma narrativa lúdica e simples com o uso do fantástico para a construção do cenário em que a história se desenvolve, mas que não deixa de aludir a traços de personalidade ideais que, através da leitura, podem ser internalizados pelo público leitor.

A filha do Rio Verde é uma narrativa curta que conta a história da relação entre Esmeralda, protagonista, e o Rio Verde. A história se passa no sítio da Pedra Branca às margens do Rio Verde que “nasce num lugar muito alto” e “vem cantando serra abaixo”. O rio na história é personificado e apresenta traços de caráter e de personalidade próprios, “sente como gente e até fala como gente – mas nem todos entendem o que diz” (PEREIRA, 1943, p.7), ainda que o rio seja conhecedor das histórias e pessoas que lhe margeiam. E está sempre a ajudar um casal muito humilde e de bom coração que vivia de cultivar a terra, Chico e Joaquina. Explica o narrador:

O sítio da Pedra Branca ficava na beira do Rio Verde. Lá morava o Chico Peão, um homem muito bom, com sua mulher Joaquina e seu filho João. Chico vivia de amansar cavalos, mas também de cultivar a terra. O Rio Verde, que o via sempre trabalhando, gostava dele e o protegia (PEREIRA, 1943, p. 8).

Com essa abordagem, a autora denota a valorização com a importância de se preocupar com a família, destacando também o trabalho como instrumento fundamental para a construção de um homem de valores.

Em tempos de seca, o rio se esforçava e crescia para irrigar as terras do sítio. Nas chuvas, o rio chupava a água das terras para que não apodrecessem as sementes como nos outros sítios. Essa relação que se mantém entre o rio e a família põe em evidência que as pessoas de bons sentimentos e de caráter, além de serem admirados, podem ser, em algumas situações, ajudados pelos que os respeitam. Esse é um dos aspectos necessários numa narrativa, segundo a opinião de Lúcia. Escreve ela, “o importante, o indispensável, é saber comunicar uma clara e alegre impressão de sinceridade, de liberdade, de limpeza espiritual, e comunicá-la em todas as passagens, e não apenas na conclusão” (PEREIRA, 1945, p. 53). Assim, desde o começo de sua história, a autora traz exemplos de uma relação de respeito e de boa conduta; o Rio conhecedor do caráter de Chico lhe ajuda no que é possível.

Tendo um dia sentido cair uma menina em suas águas, o Rio resolveu mandá-la para o sítio do casal. A menina foi acolhida pelo casal e chamaram-na Esmeralda por ter sido encontrada nas águas do Rio Verde. Esmeralda crescia protegida pelo Rio e amada pelos pais. Sua presença não agradava apenas ao irmão João, filho legítimo do casal. Sempre presenteada com agrados trazidos pelas águas do rio, Esmeralda, causava muita inveja em seu irmão.

João é que se ralava de inveja com tudo isso. Tinha tanta inveja da menina que até chegava a doer; doía mesmo, como se tivesse um bicho dentro dele, roendo-lhe o coração. Via a irmã conversar com o rio, conversar com os bichos, com as árvores, e não entendia o que diziam, porque só quem é muito bom compreende a fala das cousas e dos animais (PEREIRA, 1943, p. 13).

De acordo com as observações de Goldsmid e Féres-Carneiro (2007), as disputas fraternais são comuns à maioria das famílias possuindo um caráter mais lúdico do que agressivo, com a finalidade de conquistar e preservar um espaço no

grupo familiar e, ocasionalmente, desfrutar das vantagens do poder. Sendo, pois um sentimento comum à realidade da maioria das famílias, não deixou de ser abordado por Lúcia como mais um dos pontos relevantes e comuns na formação da criança.

Certo dia, o Rio lembrou-se de um caixote que ali naufragara no passado e resolveu mandá-lo para Esmeralda. Nesse momento, pode ser feito um parêntesis acerca da visão crítica da autora em relação à presença do mágico nos textos infanto-juvenis. “Querer expulsar o irreal do mundo infantil é tentar - em vão – reduzir-lhe as dimensões, abafar-lhe as ressonâncias, empobrecê-lo, amesquinha-lo; querer subordina-lo estritamente à lógica é desconhecer o ímpeto criador da imaginação ainda não sofreada pela vida” (PEREIRA, 1945, p. 53). Nessa perspectiva, o que não faz parte do cotidiano da vida real é aquilo que permite à criança exercitar seu imaginário, tornando-se assim mais criativa e expandindo seu horizonte.

A literatura infantil desenvolve a capacidade de fantasia e imaginação das crianças, elas se identificam na medida em que as histórias se assemelham à vida cotidiana e se apaixonam pelo maravilhoso e, através desse mundo imaginário, sentem-se mais capazes, e até mesmo prontas, para encontrar a solução para seus conflitos.

A personificação do Rio permite que haja afeto na relação estabelecida entre ele e a menina. Define Ana Lúcia Santana (2006): “[a personificação] “é um recurso muito usado pelos autores de literatura infanto-juvenil, pois lhes dá ampla liberdade para mergulhar nos mais recônditos desvãos da imaginação, algo que a ficção criada para o público adulto quase não possibilita” (SANTANA, 2006, s.d). Para Lúcia Miguel, esse recurso concede à criança a possibilidade de ver objetos de seu dia a dia de forma diferente; aquilo que era apenas mais um objeto inanimado que faz parte do cotidiano ganha um colorido novo e pode se tornar portador de sentimentos e ações tanto quanto a personagem.

O maravilhoso é um dos elementos mais importantes na literatura infantil, pois é através das emoções que essas histórias facultam ao leitor encontrar meios de lidar com eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. As situações narradas de forma maravilhosa tornam-se um exemplo de como lidar com situações da vida real que, de alguma forma, durante o amadurecimento da criança a afligem ou comprazem.

Volta-se à história do conto. Não podendo abrir sozinha o caixote, Esmeralda chama Chico que encontra brilhantes guardados no caixote. Vendo neles a solução para os problemas da família, o pai resolve levar alguns para vender na cidade, mas acaba sendo preso por não ser, aos olhos do delegado, merecedor da posse de tais pedras preciosas. Joaquina, preocupada com o marido, acaba indo atrás dele na cidade e também é presa pelo mesmo motivo. Por fim, é a vez de João ter o mesmo destino, após revelar, de forma cruel, à irmã que ela não era filha legítima de Chico e Joaquina e que teria sido trazida em uma folha de coqueiro pelo Rio.

Sozinha, Esmeralda resolve ir em busca da família na cidade com a ajuda de seu protetor, o Rio. “Apareceu um dourado enorme, e a menina, sem medo nenhum, trepou-lhe nas costas; o peixe saiu nadando tão depressa que mais parecia um navio... Afinal, avistaram a cidade. Quando o peixe encostou a margem para Esmeralda descer” (PEREIRA, 1943, p. 21).

Com essa estratégia de escrita, a autora mostra a desenvoltura de Esmeralda para tomar decisões necessárias no momento de crise. A bondade da menina é o que a torna especial, sempre ajudando os pais e os bichos do sítio. Esperta, ativa, a menina, por sua criação e caráter, defende aqueles que ama; mesmo não sendo uma adulta, demonstra também muito zelo e cuidado com os demais, como expõe o narrador nos fragmentos abaixo:

Era muito boa. Tão boa que tinha pena de todos os bichos, até das baratas e das moscas (PEREIRA, 1943, p. 10).

Também as árvores, as plantas todas lhe queriam bem; pois não haviam de querer? Ela ajudava o Chico a tratar de cada uma, regava, tirava as folhas e galhos secos (PEREIRA, 1943, p. 12).

Esmeralda era alegre, esperta ajudava a mãe dentro de casa, ajudava o pai lá fora, sabia tudo (PEREIRA, 1943, p. 13).

Lúcia dá vida a uma protagonista naturalmente doce e alegre, mas principalmente a constrói baseada em condutas que a enriquecem ainda mais como pessoa e, conseqüentemente, como um exemplo moral que pode ser consciente ou inconscientemente adotado pelo seu público leitor.

Quando chega sozinha à cidade, Esmeralda é ajudada por uma “moça linda”, não nomeada na história, que, penalizada pela situação da criança, dá-lhe abrigo e comida por uma noite. No outro dia, pela manhã, Esmeralda é informada por um passarinho onde se encontram Chico, Joaquina e João. Observe que o diálogo da

criança com animais é comum na narrativa. Segundo Lúcia, esse maravilhoso precisa se misturar ao cotidiano no texto que pretende encantar uma criança. E materializa esse pensamento em seu registro de ficção:

Quando acordou, no dia seguinte, foi com um passarinho cantando.
- Eu conheço o canto desse passarinho – pensou.
Abriu a janela, e uma andorinha veio pousar no seu ombro.
Era uma andorinha do sitio da Pedra Branca, que tinha vindo voando e seguindo a menina.
- Já sei onde estão o Chico, a Joaquina e o João – disse o passarinho na sua língua. – Estão presos, pensaram que eles eram ladrões, que tinham furtado os brilhantes (PEREIRA, 1943, p. 23).

Mostra, mais uma vez, de forma prática, um dos pontos ressaltados na sua concepção crítica de que a abordagem do mundo irreal, maravilhoso, seja um aspecto necessário na construção literária para crianças. Esmeralda tem uma relação única com os personagens inanimados como o rio e as árvores, e também com os animais, seres considerados na realidade como irracionais, mas que, na narrativa, não só são seres racionais como também são amigos e aliados da menina.

Em seu artigo *Literatura Infantil*, a autora ressalta: “a criança precisa é de imagens, de imagens que lhe falem ao mesmo tempo à fantasia e aos sentidos, e também de fatos que lhe revelem maior relação entre as coisas, entre o seu limitado âmbito familiar e a imensidão do que adivinha” (PEREIRA, 1945, p. 53-54). A possibilidade de estabelecer uma ligação entre o que a rodeia e o mundo que idealiza é o que envolve a criança; os acontecimentos que enredam a magia tornam o horizonte de ideias amplo e possibilitam o desenvolvimento do imaginário infantil.

Entristecida pela notícia dada pelo passarinho, Esmeralda recebe de consolo a promessa de abrigo da dona da casa, mas sai para tentar ajudar seus pais. Parte seguindo o passarinho até a prisão. Chegando lá orienta-o em segredo antes que ele parta. Batendo palmas em frente ao prédio é atendida por um soldado a quem conta sua história. Esse, não permite que a menina visite sua família e ameaça prendê-la. Esmeralda insistiu tanto com o soldado que ele permite que a menina vá até a cela onde estavam Chico, Joaquina e João. Entretanto, não foi bem recebida por seus pais que a repeliram, para a alegria de João, e pediram ao soldado que levasse a menina embora.

Para a alegria de Esmeralda, o soldado resolveu levá-la para o diretor da prisão. Esmeralda tinha medo, mais se manteve firme: “Coitada de Esmeralda, bem que tinha medo, sozinha com o Faísca, no meio daquela porção de homens desconhecidos. Mas foi andando” (PEREIRA, 1943, p. 25). A menina se encontra em uma situação amedrontadora para qualquer criança: sozinha, abandonada pelos que ama, em um lugar desconhecido e desprotegida. Mas, sua obstinação exemplar a levou em frente. A narrativa põe em evidência uma situação em que as crianças começam a perceber o mundo em que estão inseridas, conhecem todas as dores e prazeres contidos nesse mundo, fazem dos desafios narrados na história um meio, uma possibilidade de lidar com um problema difícil, o que indica que a história ouvida está sendo importante e trazendo respostas.

Esmeralda, após debater sua versão da história com o diretor, o convence de que qualquer pessoa poderia encontrar diamantes à beira do Rio Verde e o leva a aceitar seu argumento. Ajudada pelos seus amigos da natureza os quais espalharam os diamantes que ficaram no sítio pela margem do rio, a menina consegue, por fim, ajudar seus pais a serem libertos. Quando o diretor/o soldado os leva para conhecerem a moça que a ajudou, as histórias das duas famílias se encontram e Esmeralda descobre que aquela moça e seu marido eram seus verdadeiros pais.

- Pensei que não voltasse mais – disse à menina. – Encontrou seus pais? É mais feliz do que eu, que perdi minha filha e nunca mais achei.
Então Joaquina contou como Esmeralda os salvara da prisão.

- Essa menina é uma bênção do céu – acrescentou. – Nós fizemos bem em recolhê-la quando a achamos, tão pequenina, na beira do Rio Verde.

- Mas ela não é sua filha? – indagou a dona da casa.

Quando Joaquina narrou como Esmeralda apareceu, sem ninguém saber como, na margem do rio, o casal pareceu muito interessado.

[...]

E contou que tinha uma filha, da idade de Esmeralda; um dia, quando era pequenina, ainda nem andava direito, fôra passear com a ama na beira do Rio Verde, e caíra na água. Por mais que procurassem, não encontraram; pensavam que tinha morrido afogada... Seria Esmeralda? O marido foi buscar um retrato da filha, mostrou-o ao Chico e à Joaquina.

É ela mesma! – exclamaram. – Era assim igualzinha quando apareceu lá em casa (PEREIRA, 1943, p. 28-29).

Demonstrando então os acertos e desacertos em sua trajetória, a história caminha para o final feliz que toda criança quer ler. Esmeralda passa a morar com sua família legítima, mas o afastamento do Rio causa-lhe reflexos negativos na saúde

e o Rio quase seca de tanta saudade. Quando finalmente podem estar juntos novamente, o Rio conta a Esmeralda a história da ligação que há entre os dois: quando os homens passaram a não acreditar em fadas, tiveram que ir pra longe, mas uma fada, chamada Esmeralda ficou muito triste com isso e começou a chorar, chorar e chorar. Quando a Rainha das fadas chamou Esmeralda para partir, ela não obedeceu e foi condenada a chorar até virar rio; só quando uma menina gostasse dela de verdade poderia voltar a ser fada. E, foi exatamente assim que aconteceu. Agora, ela poderia voltar a ser fada, pois a menina Esmeralda provara que gostava do Rio de verdade.

Lúcia Miguel explora, em sua narrativa, vários momentos em que ficam exemplificados valores necessários para a construção do caráter da criança e, sobretudo, a importância da criança acreditar naquilo que é fantasioso. Esmeralda busca sempre fazer o que é certo, mesmo quando se encontra desamparada; até mesmo quando é tratada com indiferença, luta para tirar sua família de uma situação injusta. A garota demonstra, dessa forma, uma atitude ativa que, para a autora, é a forma mais apropriada a exemplificar bons modelos para crianças. Em seu texto *Literatura Infantil*, Lúcia argumenta

mas haverá vantagem em exagerar o culto dos heróis, que se tem revelado tão perigoso? O melhor confunde-se facilmente, neste caso, com o mais forte, e bem sabemos que o entusiasmo pela força é dos menos aconselháveis para a educação democrática (PEREIRA, 1945, p. 54).

As atitudes da menina mostram a possibilidade de solucionar os problemas com o uso da capacidade de convencimento, recorrendo a sua inteligência, sem a necessidade do uso da força.

Outro ponto importante está em trazer essa relação da menina com seres comuns de uma forma lúdica, fantástica. Para Vygotsky (1987), existe uma sutil diferença entre os comportamentos na vida real e no mundo fantástico, porém a atuação em um mundo imaginário cria uma zona de desenvolvimento proximal que auxilia no desenvolvimento de conceitos relacionados entre si. Eloisa Barroso acrescenta: “Estas (as histórias) criam uma zona de desenvolvimento proximal, aproximando conceitos reais já adquiridos com outros conceitos em potencial, que são esclarecidos com auxílio dos adultos” (SIQUEIRA, 2008 p.79).

Desse modo, a forma fantástica como Lúcia apresenta seres naturais auxilia na formação de conceitos e comportamentos do seu público leitor em relação aos mesmos seres da vida real. Esmeralda, assim como seus pais, tem uma relação de respeito com a natureza; é essa relação que faz com que “seres humanizados” tenham também um carinho peculiar para com eles. “Assim sendo, o elemento poético, transfigurador da realidade, talvez possa, como nenhum outro, adaptar-se à realidade da criança, fazê-la tomar gosto pela leitura” (PEREIRA, 1945, p. 54).

Pode-se notar, ao realizarem-se as ações – assim o entende a autora – que o desenvolvimento dos fatos e a constituição psicológica dos personagens devem dirigir a narrativa; enquanto esses vão vivendo seus conflitos, os seus posicionamentos e convicções vão tomando forma. Lúcia Miguel vai construindo o caráter de Esmeralda no decorrer da narrativa, criando a protagonista à medida que os fatos vão se desenvolvendo na história. Como se pode observar no episódio da prisão, Esmeralda encontrava-se em um ambiente agressivo e principalmente impróprio para uma criança, mas, mesmo assim, mantinha-se firme em busca daquilo que, para ela, era o mais importante, salvar as pessoa que amava.

Atuando então como crítica, Lúcia Miguel reconhece também a importância da tomada de posição do autor em relação ao que cria. Lúcia Miguel Pereira citada por Santos, argumenta: “Mais do que qualquer outro escritor, precisa o romancista de padrões morais e estéticos resistentes, aos quais possa prender os conflitos que põe em cena” (PEREIRA apud SANTOS, 2012, p. 59). Esse posicionamento da crítica leva-nos a refletir sobre o papel que cada autor assume na formação de seu público. Em *A filha do Rio Verde*, os apontamentos morais não tomam a frente do foco da narrativa, eles são subentendidos nas escolhas feitas pelos personagens.

O bom exemplo de Esmeralda quando resolve partir em busca dos seus familiares ou mesmo quando, com fome, nega a refeição oferecida pela idosa por ver que muitos dependiam unicamente daquela refeição: “Depois de muito andarem, chegaram à casa da velha. Mas quando viu que as crianças eram numerosas e a comida pouca, Esmeralda disse que não tinha fome e foi-se embora sem comer” (PEREIRA, 1943, p.21-23). Percebe-se a sensibilidade da menina ao saber-se que ali havia pessoas em uma situação mais precária que a dela, e ela não queria ser mais uma a compartilhar algo já insuficiente.

A atitude da jovem moça revelada mãe biológica, que a acolhe num momento de necessidade, ou mesmo as atitudes negativas que também aparecem na narrativa como o momento em que João maldosamente revela à irmã sua origem e se alegra com o sofrimento da menina “- Chore à vontade – gritava ele- Chore, você já riu muito... agora vai ficar aí sozinha! E’ bem feito, para aprender a ser sonsa, Viver agradando Papai e Mamãe, para eles gostarem mais de você que de mim” (PEREIRA, 1943, p. 19), deixa entevisto que vários aspectos éticos e morais das questões de caráter são abordados na narrativa. Ou quando os pais, em um momento de mágoa, negam qualquer demonstração de afeto à menina “-Conhecemos sim... conhecemos de mais, para nossa desgraça. Quando o João falava, nós não acreditávamos, mas ele tinha razão; você nos trouxe infelicidade, com suas feitiçarias. Vá embora!” (PEREIRA, 1943, p. 24). Os pais, apesar de todo o amor que possuíam pela filha, em um momento de dor, presos injustamente por tentarem vender os diamantes que a menina ganhou do Rio, são capazes de rejeitá-la e a acusar de ser a culpada por tudo. Segundo Bettelheim (2009), encontramos sentido na vida quando entendemos e resolvemos problemas pessoais por nossa conta. Essa é a principal característica da protagonista criada por Lúcia. Esmeralda não desiste, mesmo em momentos difíceis para uma criança, como estes, de resolver o problema que envolve sua família.

Por seu grande respeito ao Rio e aos seus outros amigos da natureza, Esmeralda é muito benquista e, por isso, sempre que precisa é amparada por eles.

Quando ganhavam doce, deixava de propósito um pedacinho na cozinha para os bichos comerem (PEREIRA, 1943, p. 10).

Outros amigos da menina eram os passarinhos. Não tinha nenhum preso na gaiola. Nem precisava. Eram tão mansinhos que pousavam no seu ombro (PEREIRA, 1943, p. 10).

A criança vai construindo as noções sobre a natureza à medida que convive com ela. Para que possa valorizar e respeitá-la, é preciso participar da vida ao ar livre, elemento que a autora escolhe para o enredo da obra em questão. Vale ressaltar que a criança constrói seus valores de acordo com os valores vindos da sua família. Nesse sentido, “a dinâmica do grupo familiar é muito poderosa no processo de desenvolvimento da criança, pois é em casa que adquirirá quase todos os repertórios comportamentais básicos” (PRUST, GOMIDE, 2007, p.55). Nessa perspectiva, a

protagonista em estudo possui o exemplo dos pais, Chico e Joaquina, que tiram seu sustento do campo onde vivem de forma simples e respeitosa com a natureza.

Segundo Piaget, citado por Gisele Machado (2011), as crianças não pensam da mesma forma que os adultos. Certos parâmetros como moralidade e ética são valores intrínsecos aos seres humanos; não nascemos pessoas morais, a moralidade pressupõe nossa intenção na prática das ações. “Os valores morais são construídos a partir da interação do sujeito com os diversos ambientes sociais e será durante a convivência diária, principalmente com o adulto, só assim que ela irá construir seus valores, princípios e normas morais” (MACHADO, 2011 p. 29). Esmeralda cresce em um ambiente favorável à construção desses valores; ela é amada e bem cuidada por seus pais e também por seu protetor, o Rio, como exemplificam os fragmentos abaixo:

Isso tudo o rio via, e ficava orgulhoso com a sua filha. Depois que conheceu Esmeralda, as suas águas ainda se fizeram mais verdes, mais alegre a sua canção (PEREIRA, 1943, p. 12).

Queria tanto bem a Esmeralda que fazia tudo para distraí-la; até presentes lhe dava. (PEREIRA, 1943, p. 12).

Os pais só falavam da menina: era Sabe-Tudo p'ra cá, Sabe-Tudo p'ra lá (PEREIRA, 1943, p. 14).

Para Gisele Machado, os contos de fada possuem uma narrativa atemporal em que diversos pontos conflitantes, como o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto, são colocados lado a lado para que a criança possa conscientizar-se deles. Bettelheim, citado por Machado (2011) afirma: “Em praticamente todo conto de fadas, o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem” (BETTELHEIM apud MACHADO, 2011, s.p.). O que se pode observar no texto de Lúcia Miguel é que, por vezes, os personagens representam essa duplicidade em suas ações.

Isso se pode observar em episódios aqui já abordados como quando os pais adotivos de Esmeralda acusam a menina de ser responsável pela situação em que se encontram, ou mesmo os sentimentos negativos nutridos pelo irmão João, como a inveja e a raiva. Já, a protagonista mostra, em suas atitudes, sentimentos positivos que o homem é capaz de ter. Contudo, o que se pode depreender da leitura do conto é que tais sentimentos bons ou ruins são inerentes à natureza humana; cabe a cada um saber lidar com eles. Nesse ponto, a família torna-se um instrumento fundamental.

3 Considerações Finais

A breve leitura de *A filha do Rio Verde*, de Lúcia Miguel Pereira, deixa visíveis algumas problemáticas em torno da representação na literatura infantil que foram predominantes no exercício de crítica da autora. O que se pode notar é que Lúcia defende uma literatura onde os apontamentos morais não sejam o principal em um livro voltado para o público infantil, mas que estejam presentes como forma de mostrar os melhores caminhos a serem seguidos e, desse modo, a criança possa ver, em seus protagonistas, os melhores exemplos de enfrentamento dos conflitos que vivenciam em sua realidade.

O papel da moralidade que Lúcia defende pode ser observado em seu texto na determinação natural com que Esmeralda faz o que para ela é o correto, defender seus familiares acima de qualquer mágoa que possa existir. Da mesma forma, as passagens em que os personagens agem de maneira incorreta auxiliam a apresentar os comportamentos que não devem ser tidos como exemplo.

Os apontamentos morais ficam latentes também no trato de respeito e cumplicidade que os personagens, em especial a protagonista, têm com os seres da natureza, que enriquecem o mundo fantástico e tornam tão atrativa a literatura destinada aos pequenos. Essa relação com a natureza mostra para as crianças a importância de uma postura semelhante na vida cotidiana. Dessa forma, podemos compreender a assertiva de Lúcia Miguel Pereira de que a obra infantil não deve ser moralista, mas, em certos aspectos, adquirir contornos morais.

Referências

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. (Tradução de Dora Flaksman) Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1981.

BETTELHEIM, B. *A Psicanálise dos contos de fadas*. (Tradução de Arlene Caetano). Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2009.

CUNHA, Antonieta Maria Antunes. *Literatura Infantil: teoria e prática*. São Paulo. Ática, 2004.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Volume 11, n.1 (2017) - ISSN 2175-3687

DUARTE, Lia Cupertino Albino. *A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino*. São Paulo. IESP. 2004.

GOLDSMID, Rebeca; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. *A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão*. Belo Horizonte. Psicologia em Revista, 2007.

LÚCIA, Miguel Pereira. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6362/lucia-miguel-pereira>. Acesso em: 10 de maio.2016. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

MACHADO, Gisele Fadigas. *Os contos de fadas e a formação moral da criança*. Salvador. UNEB. 2011.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Literatura Infantil. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2º edição, pp. 1-2, 28/01/1945.

_____. A leitora e seus personagens. In: *Boletim do Ariel*. Rio de Janeiro, nº 1, p.17, ano IV, outubro de 1934.

_____. *A filha do Rio Verde*. Rio de Janeiro: Gráfica O Cruzeiro, 1943.

PRUST, Laisa Weber, GOMIDE, Paula Inez Cunha. *Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes*. Campinas: editora 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo. Global, 1984.

SANTOS, Juliana. *Ficção e crítica de Lúcia Miguel Pereira: a literatura como formação*. Porto Alegre, 2012.

SANTANA, Ana Lucia. *Personificação*. Infoescola. 2006. Disponível em <<http://www.infoescola.com/português/personificação/> Acesso em: 14 maio 2016.

SIQUEIRA, Eloisa Barroso Gomes de. *Informação, imaginário e conhecimento na literatura infantil: da educação moralizante à formação da consciência do mundo*. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação, ano 2, n. 2. Aparecida de Goiânia, 2008.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. Tradução de José Cipolla Neto et al. São Paulo: Martins Fontes, 1987.